

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA JOÃO BANDEIRA SOBRINHO, PEDRA PRETA-RN: Primeiro mês da implantação da disciplina de Música no Fundamental II.

Francisco Canindé de Medeiros Sena
Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
canindesena@hotmail.com

Resumo:

O ensino de música por meio da educação musical é um desafio constante para os professores de área, principalmente para os que estão no início de carreira, levando em consideração que este também está em fase de sistematização, ou seja, sendo formulado a cada dia através de trabalhos científicos, pesquisas e relatos de experiência. Para o campo da pesquisa, novas testagens e amostragens são fundamentais. Assim, este trabalho tem como objetivo relatar o primeiro mês da implantação da disciplina de música como ensino regular na Escola Municipal João Bandeira Sobrinho, no município de Pedra Preta, interior do Estado do Rio Grande do Norte, dialogando com vários autores sobre diversos assuntos, a pesquisa também mostra o poder do ensino de música na educação básica, na formação do indivíduo-social.

Palavras chave: Educação Musical; Ensino Fundamental II; Luiz Gonzaga.

Introdução

O presente artigo relata o processo de implantação do ensino de música com foco na educação musical, desenvolvido nas turmas do 6º ao 9º ano do fundamental II, ministradas pelo pesquisador, na Escola Municipal João Bandeira Sobrinho, na cidade de Pedra Preta, interior do estado do Rio Grande do Norte.

A referida escola foi fundada no ano 1985, na cidade de Pedra Preta, RN, sob a lei municipal nº 113/85 de 10 de janeiro de 1985. Está situada na região do Mato Grande, uma importante região do estado do Rio Grande do Norte. Segundo a opinião de Seixas (2011, pag. 69), a região do Mato Grande

está em desenvolvimento, muitas das cidades que a compõem tem sua história estudada recentemente, as raízes desses povos e seus aspectos aos poucos vão se delineando e aparecendo a partir dos estudos de diversos pesquisadores. Pesquisar e refletir sobre a literatura oral desta região é também compreender sua história através das lendas, mitos, contos e demais elementos da cultura oral.

O primeiro mês de aula de música na Escola Municipal João Bandeira Sobrinho foi um desafio, pois, falar de música, sem focar na prática de tocar instrumentos, o que era esperado e foi cobrado pelos alunos a princípio, quebrou expectativas. Como fazer aula de música sem instrumentos? Como exemplifica Araldi e Fialho (2011), até um balão de ar, aquele utilizado para festas infantis, pode ser utilizado como instrumento musical numa aula de música.

Frequentemente os alunos perguntavam: “– Professor, quando vamos tocar? Quando vamos receber nossos instrumentos?”, referindo-se aos bombos, caixas, cornetas e outros instrumentos que existem na escola. Nesses instantes observou-se que a alma da aula de música está na capacidade de interação entre professor-aluno-instrumento musical.

A proposta do pesquisador foi iniciar o trabalho de educação musical a partir de uma música nordestina, sertaneja, regional, e, para tanto, escolheu-se o compositor Luiz Gonzaga. Verificou-se, entretanto, que poucos estudantes apresentaram afinidade com a música trabalhada, contudo, verifica-se também, que hoje, pouco ou quase nunca se toca de Luiz Gonzaga nas mídias locais. Isso abre viés para a necessidade de conhecer com mais profundidade a realidade da atual geração local e também a nordestina, suas influências musicais atuais, difundida por vários meios de comunicação diariamente, que podem ou não ser benéficas do ponto vista do processo de formação humana. Como aponta Vasconcellos (1996), discussões nesse sentido já aconteceram há anos e ainda hoje esse tema continua presente nos debates e reflexões dos educadores musicais.

Foi levada para discussão em sala de aula, através de áudios, fotos e vídeos, a figura de Luiz Gonzaga, o rei do baião, e quando os alunos escutaram sua música, imediatamente alguns não contiveram o ar de ironia. Uns disseram: “- Luiz Gonzaga?... é música pro meu avô, eu não gosto, é coisa de gente velha”. Pôde-se perceber naquele instante o triste caminho por qual passa a música na formação do cidadão nordestino, que começa a renegar suas

origens musicais, como se estivessem antenados com o presente e desconexos com o passado. Então, por que esse fenômeno?

Os educandos podem possuir conhecimentos dos mais variados possíveis em relação à música, oriundos das várias colonizações que houve no país, desde seu descobrimento (BRASIL, 1997). Contudo, as mídias hoje os manipulam com maior facilidade, nunca antes visto. Como lemos nos PCNs (1997), em relação à pluralidade cultural, é importante no momento da educação musical, respeitá-la.

O processo de ensino-aprendizagem de música dos alunos

O processo de ensino-aprendizagem deve considerar que os educandos trazem para sala de aula suas bagagens de vida e nela, conseqüentemente, as bagagens musicais, muitas vezes proveitosas para o aprendizado (FREIRE, 2001). Também se concorda com Nascimento (2011) que, o professor deve levar em consideração os anseios dos alunos. Essas aberturas poderão ser caminhos para evitar que as aulas se tornem chatas e exaustivas.

Ao arguir sobre o conceito de música, observou-se que alguns alunos deram respostas das mais singulares as mais complexas. Uma, por exemplo, que chamou a atenção, foi: “- *A música pode ser a solução para os problemas do mundo*”, palavras de uma aluna do 6º ano A, com onze anos de idade.

É importante que o professor motive a curiosidade do aluno em relação ao conteúdo trabalhado em cada aula ministrada. Em relação às conseqüências de uma prática desmotivada, concorda-se com Morais e Varela (2007), onde, a falta de motivação pode contribuir para que o educando não sinta vontade de aprender, porque não encontra significado nesse conhecimento, ou simplesmente, por não ser este saber atraente ao seu modo de pensar, ou ainda, distante de sua realidade.

O comportamento dos alunos, em síntese, foi observado que é facilmente influenciado, de acordo com o meio em que estes habitarem, isso também pode ser percebido através da própria história da humanidade (PEREIRA, 2014).

Mas, necessita-se fazer uma reflexão sobre a história da música nordestina, a exemplo, a de Luiz Gonzaga, tradicional, mas que está se apagando da lembrança do povo nordestino, como uma verdadeira desconstrução cultural. E hoje, o que é música nordestina?

O que é música brasileira? Onde encontrá-las? Quais grupos as difundem verdadeiramente na mídia?

Depois das primeiras aulas, já era perceptível a ansiedade de alguns alunos, desejando tocar, fazer música. Percebe-se que foram criadas expectativas, apesar do desinteresse de parte das turmas pesquisadas. A pergunta mais comum sempre era: - Como será a próxima aula? - Será com instrumentos?

Música e Mídia

Ensinar música nordestina, uma vez que os educandos não tenham sequer conceito dessa música, é muito difícil. A maioria dos alunos da escola João Bandeira Sobrinho que foram indagados sobre esse conceito, não deram boa resposta, mal souberam responder. Contudo, sabe-se que este, no geral, até agora não foi fechado, definido, e acreditamos que hoje muito pior se considerarmos à deturpação ou quadro atual da música popularizada.

Para refletir um pouco sobre essa situação da música nordestina, um dos motivos geradores dessa pesquisa, é importante levar em consideração, como afirma Subtil (2007, p. 78), do ponto de vista social:

[...] para os jovens, fazer parte, estar junto, pertencer ao grupo, também significa consumir as músicas, comprar os CDs, fazer as coreografias que estão no hit parade, no tempo de duração desses sucessos. Isso produz uma espécie de “liga” social, uma forma de reconhecimento que constitui os jovens, em especial os dos centros urbanos [...] assim, a mídia, em especial a televisionada, desempenha um importante papel na produção de um repertório semântico fornecendo símbolos, mitos, representações, preenchendo o imaginário de crianças e adultos e também transmitindo a cultura em diferentes dimensões.

Como já supracitado, a mídia pode causar impactos imensuráveis e às vezes irreparáveis, na formação do estudante, hoje em dia principalmente, pelo conteúdo musical que é vendido por esta, muitas vezes em confronto com o sistema educacional (CECIM, 2011). Percebe-se que as novas gerações de nordestinos, que se autodeclaram consumidoras de “música nordestina”, em meio a esse fato, podem estar se contradizendo, às vezes inconscientemente.

Luiz Gonzaga, uma das figuras mais importantes da cultura nordestina, está desaparecendo gradativamente da memória de seu povo, perdendo espaço para aquilo que as mídias local e nacional queiram vender. Mesmo assim, de acordo com Matos (2011, pag.21),

a obra de Luiz Gonzaga do Nascimento, o “Rei do Baião”, é emblemática no que diz respeito à identidade nordestina. Ele é o grande nome da música popular dessa região, pois representa e encarna aquilo que o povo nordestino sente e declara como sua cultura, seu modo de vida, suas experiências existenciais, sua luta constante contra a fome, a seca e a opressão.

Hoje, um dos maiores desafios para o professor de música na educação básica é, antes de tudo, mostrar a importância da música para a vida de seus alunos, exemplificar bons efeitos cognitivos propiciados pelo estudo sistematizado desta. Como comenta Campos (2002), a música pode ser significativa nas escolhas feitas pelo indivíduo, devido à capacidade de persuasão que provoca.

Relação: escola x aluno

É importante que a instituição escolar conheça bem seus alunos, suas experiências, suas famílias, realidades, para que estes possam ser melhores compreendidos e acolhidos (ALVES, 2004). Moram (2008, apud Moreira, 2010, pag. 12), diz:

[...] para que a aprendizagem seja significativa para o aluno, à escola precisa partir do princípio de onde o aluno está, quais são as suas preocupações, necessidades, curiosidades e construir um currículo e empregar uma metodologia que dialogue continuamente com o cotidiano.

Ainda, Martins e Tavares (2010, pag.257) complementam dizendo que

a escola precisa considerar toda a bagagem de vida trazida pelos alunos, buscando sempre práticas pedagógicas que deem prazer, fazendo com que esses alunos sintam vontade de ir para a escola, de viver aquele momento novamente, pelo prazer promovido no ambiente.

Concorda-se com os comentários feitos pelos autores supracitados, também foi observado na escola João Bandeira Sobrinho que, a maioria dos alunos que não demonstram interesse pelos estudos e tampouco por continuá-los após o fundamental II, grande parte vem da classe baixa da sociedade e que se acham incapazes. Além disso, imaginam que vão dar continuidade às tarefas de seus pais, suas profissões, ocupações, e não imaginam um dia fazer faculdade. Uma aluna, por exemplo, pensa seguir a profissão de doméstica, igual à mãe, que desistiu de estudar, por não ter conseguido acompanhar o processo de ensino de sua época. Da mesma forma outro aluno, desta vez no 7º ano, respondeu querer ser borracheiro como seu pai, que também viu os estudos insuportáveis. Por que será que essas pessoas desistiram e hoje seus filhos também vão ao mesmo caminho?

Outra observação realizada, alunos de famílias vulneráveis apresentam maior resistência para aprender, mesmo no ensino de música, que para muitos, é agradável. Ainda se notou que um dos únicos atrativos que seguram os alunos na escola, é a refeição a eles oferecida.

As políticas de educação e os alunos

O sistema político educacional deve ser repensado, levando em conta que nem todos os alunos estão na mesma condição de aprendizagem, seja por questões empíricas ou não (FREIRE, 2001).

Será que o professor de música, por exemplo, tem hoje uma formação profissional capaz de suprir as necessidades básicas de uma sala de aula heterogênea? E quanto aos conteúdos, estes podem ou são flexíveis atendendo satisfatoriamente a todos os alunos? Freire (2001) ressalta que o conhecimento que faz parte da vida do estudante deve ser priorizado.

Outro fato, um dos maiores problemas observados no tocante as políticas de educação, aplicadas na instituição pesquisada, e em relação com os alunos, mostra que estes ainda não são seus próprios protagonistas do conhecimento. Não é nossa intenção aqui debruçarmos criticamente sobre estas políticas, mas sim iniciar um questionamento que possa ser relevante para um futuro melhor, para todos que a compõe. Mas, e quanto ao ensino de música, será que ao refletir sobre essas questões estamos próximos dele? Qual o papel da arte na educação? Segundo os PCNs de artes: esta faz com que os alunos desenvolvam habilidades

das mais diversas; artes plásticas, música, esporte, teatro, escrita, leitura, interpretação de textos, etc. Os alunos são instigados a trabalhar mais com a imaginação, a criação, ferramentas indispensáveis ao processo de cognição humana. (BRASIL, 2007).

A educação musical

Uma das maneiras de observar os alunos do João Bandeira, em relação a comportamento e participação, foi através da exibição de um vídeo-documentário sobre Luiz Gonzaga. Continuando a polêmica anterior, muitos alunos acharam o vídeo sem graça e poucos gostaram, os que se interessaram na maioria foram pela questão de não precisar escrever e ler naquele momento, comumente eles escrevem e leem muito nas outras disciplinas, mesmo sem entender ou gostar, como foi relatado por alguns. Complementando este raciocínio, Alves (2004) revela que aprender em situações diferentes poderá trazer ganhos e novos sentidos aos estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

Um dos intuitos do documentário sobre Luiz Gonzaga foi tentar trabalhar mais sentidos na aprendizagem, que implica ver e ouvir, depois escrever e ler. Concorda-se com Freire (2001), quanto mais sentidos utilizados nesse processo, maior poderá ser sua expressão. Ademais, por que alguns alunos preferem assistir vídeos a ter que escutar um professor falar, ler, ensinar?

E a educação musical, onde fica quando um aluno assiste a um documentário? Como comenta Alves (2004), os alunos, seus sinais podem denunciar sua satisfação ou insatisfação frente ao conteúdo proposto.

Luiz Gonzaga foi motivo de risos e espantos para os alunos, alguns o acharam caricato, talvez preferissem, de repente, uma banda de forró da atualidade, de preferencia uma difundida por toda parte, com suas letras e danças sensuais, mas será que realmente elas terão significância para suas vidas? Talvez estas bandas de forró estejam mais próximas deles hoje do que Luiz Gonzaga. Com seus respectivos pais foi observado o processo contrário, Luiz Gonzaga próximo, bandas de forró em segundo plano.

Escola x família

Percebeu-se também que um dos maiores problemas presente na Escola João Bandeira Sobrinho, num geral, está relacionado à inversão de papéis: escola x família. Muitos dos problemas vivenciados na instituição estão ligados, dentre tantas coisas, à falta de assistência afetiva, moral, psicológica, das famílias para com os seus dependentes. Diante disso, com Curvo e Ferreira (2009) se revela que o aprender e o ensinar são funções básicas da família, desta forma, o modo como a família vive pressupõe características na modalidade de aprendizagem.

E a família, qual seu papel na educação musical? Wisnik (1999) comenta mais profundamente que “o som e o sentido” estão presentes na vida do ser humano desde a fase de feto, seguindo por toda vida. Ainda, acrescenta que através deste, o som, pode-se influenciar tanto nas escolhas tomadas como na personalidade. Sobre isso, é importância que a família tenha um repertório musical que não confronte com o sistema educacional, e que não faça apologia a drogas e sexo, uns dos maiores vilões da educação.

Considerações Finais

No documentário de Luiz Gonzaga passaram cenas do cotidiano de muitos dos alunos que assistiam, para alguns deles foi espantoso, depararam-se com suas realidades, suas moradias. Gonzaga discute várias coisas com sua música, tomando emprestado o termo ora utilizado por Araldi e Fialho (2011), compõe verdadeiras “paisagens sonoras” do nordeste, tais como; a seca, a falta de água, os animais, as pessoas, as festas, objetos do cotidiano, e também a fé cristã, e tudo mais quanto se possa imaginar.

A grande contribuição do estudo sobre Luiz Gonzaga também se destaca, dentre tantas coisas, ao amor deste por sua terra natal, pelo apego e valorização para com as coisas do sertão, exemplo a ser seguido pelos alunos do João Bandeira Sobrinho e também do Brasil, pelo não abandono dos laços familiares e sociais que são ora ameaçados ao longo de sua vida, devido a circunstâncias do destino. Ele, mesmo diante de uma vida de contrastes, vestiu o nordeste, acreditamos que com seu personagem mais expressivo dentre tantos, o vaqueiro. Assim, um assunto abriu caminho para outros, e acreditamos que continuará abrindo, pois

cada mente que escutou, viu e pôde sentir a história de Luiz Gonzaga, poderá não carecer de mais exemplos de vida.

Próximo do final desta pesquisa, foi realizada uma experiência de cantar e tocar músicas da atualidade e da região, “forrós”. Contudo, devido a alto grau de sagacidade e pornografia de algumas, a letra foi substituída por paródias quando necessário. Através das paródias, foram compostas algumas letras falando sobre a importância dos estudos, da família e dos agentes da sociedade. Percebeu-se então que alguns dos alunos até tentaram acompanhar as novas letras propostas e construídas coletivamente em sala, naquela instante, exemplificando novamente a influência que a música pode exercer sobre eles. Pôde-se perceber como comenta Cecim (2011), que estes apenas estão cantando isso ou aquilo por questão de proximidade e influencia do meio sonoro que os atinge, até um comercial de TV pode influenciá-los.

Por fim, ao final desta pesquisa, fundamentada a luz de vários autores consultados, e também como resultado da experiência adquirida pelo autor durante toda a execução, nos últimos momentos foi observado que alguns dos alunos envolvidos já se mostravam influenciados a escutar e cantar as músicas de Luiz Gonzaga, em apenas um mês de insistência ou experiência com esse tipo de música. Também, vale ressaltar que Gonzaga foi inicialmente rejeitado por grande parte dos alunos.

Foram tirados muitos ensinamentos tanto para o pesquisador como para os pesquisados, dentre eles, a consciência que a música que ouvimos é a música que nos circula, que nos alcança, que nos envolve. Assim, conclui-se que precisamos urgentemente divulgar mais sobre Luiz Gonzaga e também outros músicos consagrados, do nordeste e do Brasil, que ao longo de nossa história foram tão importantes para a difusão de nossa cultura musical. Hoje, a música nordestina está sendo ameaçada, dilacerada. Salve a verdadeira música do povo nordestino, parte da imensa cultura brasileira, tão importante para futuros estudos em educação musical.

Referências

ALVES, Rubem. *O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender*. Rubem Alves. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

ARALDI, J. e FIALHO, V. M. *Sfuuuuu! Schiiii! Bum! Ploft! Balões na aula de música*. *Música na Educação Básica*, v. 3, n. 3, p. 42-55, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMPOS, Regina Maria Grossi. *A influência da música na escola*. Universidade Estadual de Londrina - UEL. Londrina- PR, 2002.

CASTRO, Magali Sampaio de; ROSA, Lúcia Cristina dos Santos. *Prevenção do uso de drogas: Adolescência, Família e Escola*. Universidade Federal do Piauí, 2010.

CECIM, Samuel Krentkoski. *Trilha Sonora: O Poder de persuasão da música em comerciais de televisão do anunciante de automóveis Renault*. Trabalho final de graduação. Santa Maria – RS, 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Convite a Filosofia* – São Paulo – SP: Editora Ática, 2000.

CURVO, Helissana; FERREIRA, Márcia dos Santos. *Família e Educação: Reflexões sobre a contribuição Familiar No Processo De Ensino-Aprendizagem*. GT 10 – Formação de Professores. IE/UFMT, 2009.

FRANÇA, C. C. *Ecos: educação musical e meio ambiente*. *Música na Educação Básica*, v. 3, n. 3, p. 28-41, 2011.

FREIRE, Paulo, 1921 – 1997. *Política e educação: ensaios / Paulo Freire*. – 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. *As representações do Nordeste em "A triste partida" de Luiz Gonzaga*. Espéculo. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid, 2011. Disponível em:
<<http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero47/tristepar.html>> Acesso em: 14 set. 2014.

MARTINS, Sandra Veralúcia Marques; TAVARES, Helenice Maria. *A Família e a Escola: Desafios para a educação no mundo contemporâneo*. Revista da Católica, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 256-263, 2010.

MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. *Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem*. Revista Eletrônica de Educação. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007.

NASCIMENTO, Sílvia Aparecida de Souza. *O professor do século 20 e o aluno do século 21*. 28 abr. 2011. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/artigos/o-professor-do-seculo-20-e-o-aluno-do-seculo-21/64866/>> Acesso em: 11 set. 2014.

MOREIRA, Natalia. *A relação professor-aluno no filme 'Escritores da Liberdade': o papel do diálogo na construção do conhecimento*. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2010/2o_2010/NATALIA_MOREIRA.pdf> Acesso em: 25 jun. 2014.

PEREIRA, Armando de Lima. *O 'homem positivo' de Comte; e o comportamento atual: uma evidência incômoda*. 07 mar. 2014. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/artigos/o-homem-positivo-de-comte-e-o-comportamento-atual-uma-evidencia-incomoda/119243/>> Acesso em: 11 set. 2014.

SEIXAS, Rebeqa Caroça. *Olhares sobre a região do Mato Grande* / Rebeqa Caroça Seixas, Matheus Augusto Avelino Tavares. – Natal: IFRN, 2011. 141p. : il.

SUBTIL, Maria José Dozza. *Mídias, músicas e escola: a articulação necessária*. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 16, 75-82, mar. 2007.

VASCONCELLOS, Celso S. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 7.ed. São Paulo: Libertad, 1996.

WISNIK, José Miguel. *O Som e o Sentido*. São Paulo: Cia da Letras, 1999.